

ENSINO DE LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATOS DE UMA PESQUISA-AÇÃO

LA ENSEÑANZA DE DEPORTES DE COMBATE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: INFORMES DE UNA INVESTIGACIÓN-ACCIÓN

TEACHING COMBAT SPORTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: REPORTS OF AN ACTION-RESEARCH



Daniel Giordani VASQUES ¹
e-mail: daniel.vasques@ufrgs.br



Flávio Py MARIANTE NETO ²
e-mail: flaviomariante@hotmail.com



Maitê Venuto de FREITAS ³
e-mail: venutodef Freitas@gmail.com

Como referenciar este artigo:

VASQUES, D. G.; MARIANTE NETO, F.; FREITAS, M. V. Ensino de lutas na Educação Física Escolar: Relatos de uma pesquisa-ação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023112, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17633>



| Submetido em: 16/01/2023
| Revisões requeridas em: 27/02/2023
| Aprovado em: 13/04/2023
| Publicado em: 01/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (Professor do Departamento de Expressão e Movimento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano).

² Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas – RS – Brasil. Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (Professor do Departamento de Educação Física).

³ Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), Porto Alegre – RS – Brasil. Doutora em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (Professora da Secretaria Municipal de Educação).

RESUMO: Esse estudo trata de analisar uma intervenção pedagógica do ensino de lutas no currículo de Educação Física de uma escola pública federal. A pesquisa-ação se deu na ministração de sete aulas de lutas para turmas do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A partir da observação participante foram produzidos diários de campo, construídos nos estranhamentos do professor-pesquisador. As práticas pedagógicas visaram o uso de poucos materiais e que elementos éticos/atitudeis fossem empregados cotidianamente. O texto apresenta: 1) uma percepção dos saberes iniciais dos estudantes; 2) a proposta de ensino de lutas; e 3) uma avaliação da proposta pedagógica. A proposta se alia a uma educação interessada nas emoções dos indivíduos, não somente na perspectiva da incorporação de controles e autocontroles, mas na lógica também de desenvolvimento da autonomia e do conhecimento de si, e da construção de espaços seguros de catarse e de liberação dos impulsos.

PALAVRAS-CHAVE: Lutas. Educação Física Escolar. Intervenção. Proposta pedagógica. Ética.

RESUMEN: Este estudio analiza una intervención pedagógica con deportes de combate en el currículo de Educación Física de una escuela pública. La investigación-acción se desarrolló en la enseñanza para clases de 8º y 9º años. A partir de la observación participante, fueron elaborados diarios de campo, contruidos a partir de la extrañeza del profesor-investigador. Las prácticas pedagógicas usaron pocos materiales y los elementos éticos/actitudinales fueran utilizados en el día a día. El texto presenta: 1) una percepción de los conocimientos iniciales de los estudiantes; 2) la propuesta de la enseñanza de deportes de combate; y 3) una evaluación de la propuesta pedagógica. La propuesta se conjuga con una educación interesada en las emociones de los individuos, no solo desde la perspectiva de incorporar controles y autocontroles, sino también desde la lógica de desarrollar la autonomía y el autoconocimiento, y construir espacios seguros de catarsis y liberación de impulsos.

PALABRAS CLAVE: Deportes de combate. Educación Física Escolar. Intervención. Propuesta pedagógica. Emociones.

ABSTRACT: This study analyzes a pedagogical intervention for teaching combat sports in the Physical Education curriculum of a federal public school. The action-research took place in teaching classes in the 8th and 9th years of Elementary School. From the participant observation, field diaries were produced, built on the strangeness of the professor-researcher. Pedagogical practices aimed at the use of few materials and that ethical/attitudinal elements were used on a daily basis. The text presents: 1) a perception of the students' initial knowledge; 2) the proposal of teaching combat sports; and 3) an evaluation of the pedagogical proposal. The proposal combines with an education interested in the emotions of individuals, not only from the perspective of incorporating controls and self-controls, but also from the logic of developing autonomy and self-knowledge, and building safe spaces for catharsis and liberation of impulses.

KEYWORDS: Combat sports. School Physical Education. Intervention. Pedagogical proposal. Ethics.

Introdução

As lutas, artes marciais ou esportes de combate⁴, são uma manifestação da cultura corporal de movimento que há pelo menos três décadas têm sido reconhecidas pelos espaços acadêmico-científicos como um importante conteúdo da Educação Física na escola. Ainda nos anos 1990, obras importantes dessa disciplina, como o Coletivo de Autores (1992) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), reconheceram a importância do ensino das lutas na Educação Física escolar. Desde então, parece não haver, ao menos no campo acadêmico-científico, dúvidas razoáveis sobre a legitimidade do seu espaço curricular.

No ‘chão da escola’, ou seja, no campo empírico, parece, no entanto, ainda haver dificuldades para a implementação efetiva e regular das lutas. Uma das razões apontadas para isso trata dos argumentos que associam o ensino de lutas com o aumento da agressividade e da violência entre os estudantes. Estudos apontam que tal associação é um estigma (ALMEIDA *et al.*, 2021), uma distorção do ensino das lutas (UENO; SOUSA, 2014), e que as práticas pedagógicas na escola devem distanciar as lutas da ideia de violência (MOURA *et al.*, 2019).

Não há dúvida que o elemento central do ensino das lutas é atingir, derrubar ou imobilizar o adversário, no entanto, isso só pode ser feito dentro de regras, relativamente rígidas, que preveem precisamente o controle da violência. Além disso, controlar os seus próprios impulsos agressivos é uma estratégia fundamental para o lutador saber a hora de atacar e de defender e típica do desenvolvimento do esporte contemporâneo como elemento civilizador (ELIAS, 2019). Nesse sentido, cabe ainda destacar que as lutas são constituídas por elementos éticos de respeito ao corpo do oponente e de regras sociais que visam a impedir o uso de técnicas fora do espaço de lutas. Assim, elencar regras, elementos éticos e de controle das emoções⁵ é parte componente do ensino de lutas.

Parece haver, no imaginário social, certa associação entre uma prática corporal ‘ser de contato’ e ‘ser violenta’. Os textos de Mariante Neto, Vasques e Freitas (2021) e de Myskiw *et al.* (2015) são bons exemplos para ajudar a entender esses processos. Os autores mostram, a

⁴ Apesar de serem usados aqui como sinônimos, dado que o objeto de estudo é o seu trato no espaço escolar, tais conceitos pressupõem sentidos específicos. Lutas são disputas com vistas a subjugar o oponente usando técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de determinado espaço (BRASIL, 1997); artes marciais não têm somente o intuito de guerrear, mas também possuem aspectos filosóficos, de autoconhecimento e de autocontrole (MORENO; FERREIRA, 2017); esportes de combate pressupõem, por sua vez, a ideia de competição e de regras pré-estabelecidas de forma a padronizar as formas de disputa e controlar a violência.

⁵ Entendemos controle das emoções no sentido de Elias (2019), para quem o percurso do processo civilizador, observado em longo prazo e permeado de tensões, tende a diminuir as possibilidades de manifestações emocionais e impulsivas dos indivíduos. Os esportes e, no caso, as lutas cumprem uma função libertadora dos indivíduos ao possibilitar espaços para a manifestação de certas emoções, ainda que de forma controlada.

partir do MMA e do futebol de várzea, os modos esperados de agir dentro do jogo, ou seja, as etiquetas nos contatos corporais e os limites aceitáveis e não aceitáveis para agir de modo agressivo. A partir desses elementos, pode-se entender que as práticas corporais são espaços sociais que demandam aprendizados das nuances, das sensibilidades, dos limites e das etiquetas dos contatos físicos e das emoções, de forma a produzir sensações de excitação agradável para os praticantes.

Outro argumento empregado para sustentar a dificuldade de implementação das lutas na escola trata da dificuldade dos professores em atuar com esse conteúdo. Estudos mostram certos desconfortos docentes em trabalhar com lutas, sobretudo porque não tiveram componentes curriculares na sua formação inicial (HEGELE; GONZÁLEZ; BORGES, 2018), e ressaltam a importância da formação continuada para o trato desse conteúdo (BORGES *et al.*, 2021). Alguns estudos destacam também a falta de infraestrutura nas escolas (RUFINO; DARIDO, 2015), e propõem que o formato das disciplinas de graduação deve ser alterado para privilegiar abordagens estruturadas em similaridades e nos princípios das lutas (MATOS *et al.*, 2015), e não em abordagens que privilegiem o ensino de uma ou outra modalidade de luta.

Na literatura estrangeira, chama a atenção a existência de poucas pesquisas sobre o ensino de lutas na escola. O estudo de revisão realizado por Pereira *et al.* (2022) mostrou que a maioria dos artigos selecionados (n=6) havia sido publicada em periódicos brasileiros, pelo que consideraram que os pesquisadores brasileiros estão mais preocupados com a introdução das lutas na escola, possivelmente, ainda segundo eles, pela inclusão das lutas nos documentos educacionais brasileiros, como os PCNs (BRASIL, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa que trata de uma proposição de ensino das lutas na escola. Algumas propostas foram apresentadas nos últimos anos. Rufino (2012) preocupou-se com quatro elementos para o ensino das lutas na escola (porque ensinar, o que ensinar, como ensinar e como avaliar), sendo que a principal contribuição parece ser a importância dada às dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo.

Posteriormente, em livro didático, o mesmo autor (RUFINO, 2014) elencou as características gerais das lutas (enfrentamento físico, regras, oposição, objetivo centrado no corpo do outro, ações simultâneas e imprevisibilidade), as dificuldades para seu ensino (preconceito, falta de materiais e formação insuficiente) e a classificação baseada nas distâncias (lutas de curta, média, longa e de distância mista). A partir disso, propôs o ensino de lutas a partir de jogos e listou aspectos que considera essenciais e os que considera importantes para o

ensino das lutas por faixa etária dos estudantes; por fim, a obra apresenta dez planos de aula para guiar o trabalho do professor.

A BNCC (BRASIL, 2017) também apresenta uma proposta de ensino das lutas na escola a partir da 3ª série do Ensino Fundamental, e faz um esforço para elencar “lutas do Brasil” em separado às “lutas do mundo” (p. 233). Apesar de essa proposta se destacar ao propor competências e habilidades por série/etapa de ensino e de inserir a cultura corporal de movimento na área das Linguagens, tal proposição para o ensino das lutas responde pouco às problemáticas do campo, como a associação com a violência, a falta de materiais e os mal-estares docentes para a sua implementação; bem como dá pouca ênfase à reflexão sobre a dimensão atitudinal de ensino.

A partir desses elementos, ressaltamos que esse estudo trata de uma experiência de ensino e de ações pedagógicas de intervenção docente no ensino das lutas em uma escola pública federal. Em vista da acumulabilidade do conhecimento, não é nossa aspiração ‘inovar’ ou nos pretendemos alheios à produção já desenvolvida. De todo modo, acreditamos termos incluído nas nossas práticas pedagógicas questões que podem somar ao desenvolvimento do ensino de lutas na escola. Elas serão mais bem apresentadas ao longo do texto, porém cabe destacar aqui que a prática pedagógica foi intencionada com o uso de poucos recursos materiais e que elementos éticos/atitudinais – com vistas ao controle das emoções e da agressividade, e ao respeito às regras do jogo e sociais – foram empregados cotidianamente como intencionalidades pedagógicas durante a intervenção. Com base nesses elementos, o texto em tela tem como objetivo analisar uma intervenção pedagógica do ensino de lutas no currículo de Educação Física de uma escola pública federal.

Procedimentos metodológicos

Este texto trata-se de um relato de uma pesquisa-ação (BETTI, 2009; TRIPP, 2005), a qual tem como intenção a construção de conhecimentos para aperfeiçoar a prática pedagógica, e se aproxima da noção freireana de que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 29). Assim, a pesquisa não se trata de um elemento novo no ato de ensinar, pois é “parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”. No caso em questão, tratou-se de pesquisar o ensino das lutas como conteúdo da disciplina de Educação Física escolar.

Entre maio e julho de 2022 foram ministradas sete aulas para quatro turmas das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola pública federal, sendo duas turmas de oitavo ano e as outras duas de nono ano. As aulas foram orientadas pelo próprio pesquisador, que atua como professor da escola. O planejamento das aulas foi elaborado pelos autores desse texto, composto de pesquisadores e professores da área, como uma das etapas do projeto de pesquisa que este estudo integra.

A produção dos dados se deu por meio observação participante e da elaboração de 14 diários de campo, os quais eram gravados oralmente logo após a(s) aula(s) e, posteriormente, transcritos. Os diários foram sendo confeccionados a partir dos interesses iniciais da pesquisa, que tratavam da proposição do ensino de lutas, e dos estranhamentos do pesquisador. Nessa perspectiva, cabe destacar que o professor tinha relativamente pouca vivência com lutas e com o ensino de lutas. Ao mesmo tempo, era professor da escola há mais de quatro anos, era conhecido pelos estudantes e tinha experiência com o ensino da Educação Física escolar. Dessa forma, os processos de estranhamento se deram, em parte, frente ao que lhe era familiar, no caso, a escola e a Educação Física escolar; mas também perante o que lhe era um pouco mais alheio, no caso, as lutas. Os diários foram sendo produzidos, desse modo, a partir das sensibilidades percebidas na intimidade do ‘chão da escola’ e na aproximação com as atividades de lutas ali elaboradas. Os protocolos dessa pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos.

Os dados foram organizados de modo a: 1) apresentar uma percepção dos saberes iniciais dos estudantes sobre lutas; 2) descrever a proposta de ensino das lutas em relação aos espaços e materiais; aos conteúdos, conceitos e estratégias; às atividades e saberes corporais; e à dimensão atitudinal; e 3) apresentar uma avaliação da proposta pedagógica. O texto a seguir está organizado dessa forma, e intenciona relatar as proposições, tensões, reflexões e manejos docentes durante esse período.

Saberes iniciais

No primeiro dia de aula foi aplicado um questionário para as quatro turmas envolvidas no projeto. Os alunos sabiam que o conteúdo a ser trabalhado seria ‘lutas’, já que o planejamento fazia parte das conversas cotidianas em aula e ‘nos corredores’ da escola, porém, tinham muitas dúvidas sobre o que era essa prática corporal, sobre como seria trabalhada e, sobretudo, que sentidos seriam dados a essa prática no currículo da disciplina. Assim, sem explicar quase nada, foi entregue uma folha impressa com cinco questões, que foram respondidas individualmente e de forma anônima.

Os 102 alunos que responderam ao questionário inicial (54 meninos, 38 meninas, 10 não preencheram a pergunta sobre gênero) tinham idades de 12 a 16 anos, sendo que a maioria afirmou ter 13 ou 14 anos (n=75). A primeira pergunta era: “Quais modalidades de lutas (artes marciais, esportes de combate) você conhece? Cite elas”. As modalidades mais conhecidas pelos estudantes foram boxe (n=50), caratê (n=48), capoeira (n=48), *jiu jitsu* (n=42), judô (n=39) e *muay thai* (n=32), porém, outras 15 modalidades de lutas também foram citadas. Sete estudantes não souberam nomear nenhuma luta.

A segunda questão perguntou se o estudante já havia praticado alguma modalidade de luta, qual, onde e por quanto tempo. Grande parte dos estudantes afirmou não ter praticado (n=39), sendo que a capoeira (n=22) e, nos meninos, o judô (n=8), foram as mais praticadas. A escola tem certa tradição no ensino da capoeira como conteúdo da Educação Física desde as séries iniciais, então, é provável que muitos consideraram essa experiência para responder à questão. Ainda, destacamos que 15 alunos afirmaram terem praticado lutas por mais de um ano e outros cinco estudantes por mais de cinco anos. Era comum que esses alunos com experiência em lutas ajudassem, ou participassem entusiasmamente nas aulas; um praticava esgrima, outra caratê, outros *jiu jitsu*, capoeira ou *muay thai*.

A terceira pergunta versava sobre os costumes de assistir a lutas na televisão ou na internet. Enquanto os meninos afirmavam assistir/terem assistido boxe (n=14), caratê (n=13), judô (n=12) e ‘UFC’ (n=11), e somente cinco afirmaram não assistirem/terem assistido; as meninas viram boxe (n=12) ou não assistem/assistiram (n=11). Essa diferença de gênero não foi perceptível no acesso à prática, mas sim no alcance ao consumo das lutas na televisão. Esse parece ser um espaço que as meninas daquele grupo não tinham acesso, interesse ou incentivo para participar. É plausível supor que essas diferenças de acesso resultem em percepções diferentes sobre as lutas e em um maior afastamento das meninas desses espaços de prática corporal.

A quarta pergunta visava entender a opinião dos estudantes sobre as lutas. As respostas foram diferentes em função do gênero. Os meninos falaram em ‘aspectos positivos’ das lutas (n=28), em ‘defesa pessoal’ (n=16) e em ‘violência’ (n=7), e poucos mencionaram aspectos negativos (n=5). As meninas, por sua vez, salientaram ‘aspectos positivos’ (n=14), mas também os ‘negativos’ (n=8). Por fim, perguntou-se a opinião dos estudantes sobre ter aula de lutas na Educação Física, pelo que a maioria respondeu de forma ‘positiva’ (n=73), apesar de alguns (n=12) verem de forma ‘negativa’.

Após o preenchimento desse questionário, conversamos, além dos tópicos do questionário, sobre o conteúdo, os formatos, os sentidos e as etiquetas a serem implementadas a partir daquele momento.

Uma proposta de ensino

O conteúdo seria ministrado não por modalidade de luta, mas, inspiradas na proposta de Rufino (2014), as aulas ocorreriam a partir de uma lógica de distância entre os lutadores, assim teríamos aulas de lutas de média distância, curta distância, longa distância e de distância mista. Desse modo, os alunos não aprenderiam o boxe, o caratê, o jiu jitsu, o sumô, a esgrima ou o MMA, mas os princípios e estratégias para atingir, desequilibrar ou excluir o adversário de um certo espaço. Quedas e imobilizações não fizeram parte das aulas, porque entendemos, naquele contexto, que elas demandam maior tempo de aprendizado para poderem ser feitas em segurança.

Um elemento discursivo docente importante foi o controle das emoções e dos impulsos agressivos como um elemento inerente dos aprendizados da luta e como parte dos aprendizados desse conteúdo na escola. Em todas as aulas era falado para os estudantes que ‘luta não é briga’ e que o lutador ‘tem que controlar os impulsos agressivos e saber o momento certo de atacar e de se defender’. Aliamo-nos, nesse sentido, ao entendimento de Moura *et al.* (2019), para quem as práticas pedagógicas de lutas na escola devem distanciar essas práticas corporais da ideia de violência. Um trecho de diário de campo relembra o discurso docente de que “as lutas podem ajudar no equilíbrio das emoções, no saber quando desferir os golpes” (Diário de campo, 17 mai. 2022). Outro trecho, abaixo, apresenta esse discurso e a intencionalidade docente em torno das emoções no ensino das lutas.

A questão das emoções chama muita atenção. O meu discurso foi no sentido de que a luta demanda do lutador um controle emocional muito grande, e eu fiz esse discurso, para as turmas, de que o ódio, a raiva, a impulsividade, não podem ser muito utilizados nas lutas, por que o lutador tem que saber a hora

certa de atacar e de se defender. Então, o controle sobre suas emoções e impulsos tem que ser muito grande. [...] Nas minhas palavras na aula, é uma espécie de jogo dentro de certas regras onde os lutadores têm que saber o momento certo de agir para ganhar. Essa lógica desconstrói a ideia de que o lutador é impulsivo. No meu discurso, eu citei que, ao contrário disso, o lutador deve ter um equilíbrio emocional que dê conta de ele saber o momento exato de agir e de recuar. Nesse sentido ainda, falei que, afora algumas exceções, quem treina luta raramente briga porque sabe controlar suas emoções (Diário de campo, 19 maio 2022).

O discurso sobre as emoções ganhou força naquele contexto tendo em vista os reajustes emocionais que foram necessários nesse período de volta à presencialidade na escola, após quase dois anos de ensino remoto por conta das restrições sanitárias aplicadas em virtude da pandemia de coronavírus que acometeu o mundo. Não foram raras as descrições nos diários de campo de situações em aula de choros, tristezas, raivas, bem como relatos de quadros de depressão e ansiedade em estudantes dessas turmas. Desse modo, falar sobre emoções e propor elementos de controle emocional que são, ao mesmo tempo, espaços de liberação das emoções e de excitação agradável (ELIAS, 2019), pareceu uma intencionalidade pedagógica importante.

Apesar de reiterarmos a separação entre luta e briga, na escola, tal cisão não se dá sem uma intervenção pedagógica que incuta nos estudantes uma dimensão ética e regras condizentes que impeçam ou previnam ações violentas. Dois princípios éticos foram elencados, apresentados e utilizados cotidianamente nas aulas. O primeiro trata da limitação dos usos dos golpes ao espaço controlado das aulas, e o segundo trata do respeito ao corpo do colega. Eles estão descritos no trecho de diário de campo a seguir.

Todas as lutas são ensinadas com base nesses dois princípios: o princípio primeiro de que aquelas técnicas e estratégias que se aprendem na aula de lutas, no treino de lutas, só podem ser empregadas, utilizadas, dentro do contexto das lutas. Isso vale para a nossa aula de Educação Física, onde as técnicas e estratégias aprendidas na aula só podem ser utilizadas na aula, em um contexto de igualdade de chances, com controle dos golpes e com respeito ao corpo dos colegas, o corpo que está disponibilizado por cada um ali para o aprendizado do outro. Então, respeito ao corpo do colega é um princípio muito importante. Eu foquei hoje na aula os dois princípios, eu frisei em vários momentos (Diário de campo, 19 maio 2022).

No universo das lutas esses princípios são tratados, de modo geral, como elementos constitutivos das lutas e dos lutadores. Imaginamos serem raros os espaços de ensino de lutas que não preconizam o respeito ao corpo do colega e a restrição ao uso de golpes, técnicas e estratégias fora do espaço controlado – a não ser, logicamente, em casos pontuais de defesa pessoal. No currículo da escola, a intenção do aprendizado de tais princípios se apresenta como

uma dimensão atitudinal do conteúdo, a qual está por vezes demasiadamente implícita dentro da objetividade característica do ensino dos conteúdos da Educação Física.

Assim, jogamos luz nesses elementos éticos como uma dimensão fundamental no ensino das lutas na escola, não somente como estratégias que intencionam evitar violências físicas nas aulas, mas também como elementos que auxiliam no ensino dos autocontroles dos impulsos, principalmente aqueles ligados à agressividade. Tratar as lutas como espaços de construção de uma ética de respeito ao próximo e de autocontrole dos impulsos violentos se coaduna com perspectivas contemporâneas e críticas da educação e auxilia na desconstrução de estereótipos de violência das lutas.

Ainda em relação às intencionalidades, cabe destacar que visamos trabalhar com pouco material, tendo em vista a importante preocupação histórica da Educação Física de propor estratégias de ensino que sejam aplicáveis em escolas com poucos recursos, e atentos às preocupações de Rufino e Darido (2015) sobre a dificuldade de implementação do ensino das lutas em decorrência de pouca infraestrutura. Parecem mesmo pouco democráticas propostas do ensino de lutas na escola que exijam quimonos, luvas ou sacos de pancada, por exemplo. Utilizamos, nesse percurso pedagógico, dois materiais: tatames, em algumas aulas, para que os alunos pudessem cair no chão com mais segurança e pudessem ficar sem calçado, mas protegidos do chão frio (as temperaturas, em alguns dias de aula, eram próximas a 5° C); e também ‘macarrões de piscina’, especificamente para as aulas de lutas de longa distância. Assim, a ampla maioria das atividades se deu sem materiais.

A seguir, apresentamos um quadro com a descrição das aulas. Não é nosso interesse aqui, ao apresentar nossa proposta de ensino das lutas, engessar a criatividade do professor ou desconsiderar a realidade de determinado contexto social. Entendemos, ao contrário, que apresentar formatos objetivos e acessíveis de ensino das lutas na escola pode auxiliar na implementação efetiva desse conteúdo na escola, a partir mesmo da inspiração, da provocação e da transformação do formato aqui detalhado.

Quadro 1 – Conteúdos e roteiros das aulas.

Aula	Objetivos/conteúdos	Roteiro da aula
1	Reconhecer e organizar/localizar o conteúdo dentro das práticas corporais Fazer discussões conceituais iniciais Vivenciar primeiros jogos no tatame com lutas de média distância	Aplicação do questionário Discussão sobre as respostas dos questionários (modalidades, violência, regras, preconceito) Apresentação do conteúdo: conceito luta (contato, regras, oposição, simultaneidade, imprevisibilidade), lógica das distâncias, valores (uso da técnica no espaço, respeito ao corpo) Prática no tatame de jogos de lutas de média distância (encostar no ombro, joelho do colega)
2	Lutas de média distância (base, guarda, <i>jab</i> e direto)	Jogos de média distância Socos: 1. Base (perna na frente e outra atrás, largura dos ombros, joelho semiflexionados, não se troca de base); 2. Guarda (queixo pra dentro, mão da frente fechada na frente do queixo; mão atrás do lado do queixo, triangulo, cotovelo fechado para as costelas); 3. <i>Jab</i> (mão da frente, mão gira, dedos indicador e médio, força do giro do quadril); 4. Direto (mão de trás, gira mão e quadril) Sequências sozinhos. Depois bate nas mãos do colega (bate sempre na mão contrária) Cotoveladas (mesma lógica do soco)
3	Média distância (cotoveladas e joelhadas)	<i>Jab</i> e direto (brincadeiras de encostar no topo da cabeça com os dedos) Cotoveladas (diferenças entre distâncias) <i>Jab</i> , direto, cotovelada <i>jab</i> Joelhada (ponta do joelho, movimento de quadril – jogar o quadril pra frente, colega apara com as duas mãos, mirar o estômago) – colchonetes, brincadeira do <i>clinch</i> (cotovelo fechado, posição de domínio, fuga levantar a cabeça e ir para trás) <i>Jab</i> , direto, joelhada, cotovelo
4	Curta distância (desequilíbrio e conquista de território)	Regras para não derrubar Dimensão conceitual: sumô desequilibra para tirar adversário do espaço, judô desequilibra para cair De pé, de cócoras - desequilibrando (pés em paralelo, tirou o pé do chão, larga) Retirar de um espaço - Sumô
5	Curta distância (desequilíbrio e conquista de território)	Repetir aula anterior De pé, de cócoras e sentado no chão Uso de duas mãos, agarrar no antebraço Ritual das lutas
6	Longa distância	Lutas com implemento Esgrima (história e regras) Cabo de guerra (individual, em grupo, coletivo) Jornal ou ‘macarrão’ (encostar em diferentes partes do corpo)
7	Avaliar os conhecimentos aprendidos Avaliar a percepção dos estudantes sobre lutas	Avaliação/questionário 2

Fonte: Elaboração dos autores

O quadro apresenta alguns elementos dos conteúdos e dos roteiros que foram desenvolvidos nas aulas. Cabe destacar que uma aula de lutas de distância mista estava prevista para ser ministrada antes da avaliação final, porém o professor teve suspeita de Covid-19 e se afastou do trabalho por dois dias. As professoras que o substituíram trabalharam outros conteúdos. Assim, não foi possível implementar, tendo em vista que a ‘aula 7’ foi a última antes do recesso de julho, e não parecia fazer sentido continuar o conteúdo com apenas uma aula no retorno das férias. Ainda, cabe destacar que os alunos tinham duas aulas de Educação Física na semana, porém cada aula era ministrada por um professor. Logo, as aulas de lutas ocorriam uma vez por semana e tinham duração de 40 minutos.

Os jogos de lutas foram as principais atividades de todas as aulas. Ocasionalmente havia algumas atividades de repetição e outras de golpes combinados, para que os alunos pudessem reconhecer no corpo certos golpes, posições e estratégias mais importantes nas lutas. Os jogos tinham como objetivo, nas lutas de média distância, encostar com a mão, ou a ponta dos dedos, em certa parte do corpo do adversário (cabeça, ombro, joelho ou pé) e, ao mesmo tempo, o jogador não poderia permitir que o adversário tocasse nele. Nas lutas de curta distância, os jogos eram de derrubar o colega, segurando nas mãos, antebraços ou braços – ainda, estando em pé, de cócoras ou ajoelhados. Outros jogos visavam a excluir o adversário de um certo espaço: o tatame ou os espaços da quadra esportiva – como o círculo central, por exemplo. Nas de longa distância, os jogos se davam em torno de encostar o ‘macarrão’ no adversário.

As atividades de repetição foram evitadas, porém, considerou-se importante que os alunos soubessem o que são, como e porque se faz nas lutas a base, a guarda, o *jab*, o direto, a cotovelada e a joelhada. A partir desses aprendizados, tais elementos foram incluídos nas atividades de jogos e foram criadas situações de ‘golpes combinados’, quando um lutador golpeia e outro recebe os golpes combinados previamente. Na perspectiva das aulas, os golpes combinados eram uma forma de jogo colaborativo, no qual não há vencedor, mas há a conquista e a satisfação em conseguir realizar a sequência proposta pelo professor. Ali, diversas sequências foram feitas, sendo que estas envolveram os golpes aprendidos anteriormente.

Dessa forma, os saberes corporais eram considerados em relação com os elementos éticos e com alguns conhecimentos acumulados historicamente pelo mundo das lutas. A última aula foi dedicada a observar como os estudantes percebiam as lutas após a ministração desse conteúdo.

Avaliação

A avaliação contou com a aplicação de um questionário no último dia de aula, composto de seis questões que visavam verificar a apreensão conceitual das distâncias (curta, média e longa) e dos elementos trabalhados, bem como a percepção sobre violência. Além disso, duas questões repetiram-se em relação ao primeiro questionário: uma sobre a opinião em relação às lutas e outra sobre ter esse conteúdo nas aulas de Educação Física.

Responderam-no 101 estudantes (57 meninos, 39 meninas e 5 com gênero não identificado). Ao perguntar exemplos de modalidades de lutas de curta distância, a maioria indicou respostas adequadas – por exemplo, judô (n=43), sumô (n=36) e jiu jitsu (n=25) –, apesar de aproximadamente 20% das respostas⁶ (n=52) indicarem modalidades que não são de curta distância ou não terem sido preenchidas. Tal percentual ocorreu de modo similar nas lutas de média distância – foram citados principalmente o boxe (n=42), o caratê (n=25) e a capoeira (n=16) – e nas de longa distância – na qual a esgrima (n=68) foi destacadamente a mais citada. Ao pedir que os alunos descrevessem elementos trabalhados nas aulas – *jab*, direto, guarda, base, desequilíbrio e contragolpe –, pôde-se verificar que cerca de 60% dos estudantes souberam descrevê-los.

As faltas recorrentes de alguns estudantes nessas aulas, a novidade das lutas no currículo da escola e a pouca experiência de alguns estudantes em lutas, bem como as dificuldades de transposição dos saberes corporais para uma estratégia de avaliação conceitual, podem ser elementos que justifiquem que apenas uma parcela dos estudantes soube responder corretamente à avaliação conceitual. Cabe destacar, nessa perspectiva, que tal avaliação se deu de modo anônimo e não visava a avaliar individualmente os estudantes, mas entender possibilidades e limitações da intervenção. A partir desses elementos, entendemos que os processos avaliativos poderiam ser qualificados ao observar os saberes corporais a partir das suas características.

Ao questionar a relação com a violência após a intervenção, verificou-se que a maioria dos estudantes apresentou nas suas respostas uma compreensão adequada do distanciamento entre lutas e violência, ressaltando termos como: “saúde”, “cultura”, “defesa”, “expressão”, “controle”, “lazer” e “esporte”. Questionamos também sobre a importância dos cumprimentos e saudações entre os lutadores, em um entendimento que tais rituais concretizam na luta o distanciamento dos impulsos agressivos, da ‘briga’ e da violência. Nesse caso, os alunos

⁶ O estudante poderia indicar mais de uma modalidade, portanto o percentual é representativo de um somatório de modalidades e não de indivíduos.

expressaram termos como “respeito”, “amizade”, “agradecimento”, desejo de “sorte” ou “parabéns”, e “cultura”.

Ao perguntar a “opinião” dos estudantes sobre lutas, apenas sete estudantes se manifestaram de forma ‘negativa’, enquanto 89 apresentaram significados relacionados a características ‘positivas’, a “esporte”, “defesa”, “saúde” e “cultura”, sendo que não houve percepções diferentes entre os meninos e as meninas. Respostas similares ocorreram na questão seguinte, relacionada ao ensino de lutas na Educação Física escolar. As aproximações do ensino de lutas com esses conceitos caros à Educação Física parece ser um objeto interessante de observação e intervenção. Afinal, é pedagogicamente relevante entender de que noções de esporte, de saúde e de cultura eles estão tratando.

Considerações finais

A proposta pedagógica de ensino das lutas atingiu certos objetivos ao aproximar esse conteúdo daqueles grupos de estudantes e ao possibilitar o aprendizado de saberes corporais, conceituais e atitudinais do universo das lutas, ressignificados de modo a possibilitar a atuação docente, a implementação com poucos materiais, a prática de todos os estudantes com sucesso e os interesses de uma educação que visa à democracia, ao humanismo e ao combate às violências.

Esse relato de uma pesquisa-ação cumpre uma função de mostrar os caminhos traçados, as possibilidades e dificuldades, as estratégias e mudanças de direção. De todo modo, ela apresenta elementos e, assim, abre espaço para a construção e escrita de um estudo propositivo de ensino das lutas na escola, que é, de fato, o interesse principal do projeto de pesquisa.

A principal novidade aqui – afora o pouco material e o trabalho com distâncias – talvez seja – em comparação com as propostas de Rufino (2012; 2014) e a BNCC (BRASIL, 2017) – a ênfase dada aos elementos éticos/atitudinais, os quais foram empregados cotidianamente como intencionalidades pedagógicas durante a intervenção. O trato pedagógico das lutas, assim, se sustentou em uma educação interessada nas emoções dos indivíduos, não somente na perspectiva da incorporação de controles e autocontroles, mas na lógica também de desenvolvimento da autonomia e do conhecimento de si, e da construção de espaços seguros de catarse e de liberação dos impulsos, no sentido de Elias (2019).

Por fim, cabe destacar uma reflexão de um professor que teve pouco contato anterior com as lutas. Ensinar exige pesquisar, assim, o agrupamento das lutas por distâncias não exime

o trabalho docente de estudar, se preparar e planejar; tampouco diminui o objeto, tendo em vista a centralidade daquilo que é comum entre elas. Ensinar lutas foi uma forma de aprender sobre elas, tanto na prática docente com os estudantes quanto com o grupo de pesquisa. Em que pesem as condições concretas de trabalho docente que dificultam tempo e disposição para tarefas além da cansativa rotina de algumas dezenas de horas de aula por semana para centenas de alunos, cabe, por fim, mencionar a importância na prática docente do desafio de exercer a curiosidade de ensinar aquilo que nos está mais alheio. É nesses lugares do desconhecido que se materializam as mais ricas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M. *et al.* Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física. **Cenas Educacionais**, v. 4, e12163, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/12163>. Acesso em: 31 out. 2022.
- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2009.
- BORGES, L. N. et al. Formação de professores para o ensino de lutas na educação física escolar: o estado da questão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. esp. 3, p. 1547-1561, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15297>. Acesso em: 31 out. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: MEC, SEF, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (org.). **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.
- HEGELE, B.; GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 99-107, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/18953>. Acesso em: 31 out. 2022.

MARIANTE NETO, F. P.; VASQUES, D. G.; FREITAS, M. V.; STIGGER, M. P. A etiqueta da violência: mestre, irmãos de treino e família na equipe de MMA. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/80367>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MATOS, J. A. B. *et al.* A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640658>. Acesso em: 31 out. 2022.

MORENO, D. B.; FERREIRA, H. S. Lutas na Educação Física escolar: possibilidade de acordo com as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. In: PONTES JUNIOR, J. A. F. (org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar**. Fortaleza: EdUECE, 2017. *E-book*.

MOURA, D. L. *et al.* O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Pensar a Prática**, v. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/51677>. Acesso em: 31 out. 2022.

MYSKIW, M.; MARIANTE NETO, F. P.; STIGGER, M. P. Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio’ da várzea. **Movimento**, v. 21, n. 4, p. 889-902, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/47463>. Acesso em: 14 nov. 2022.

PEREIRA, M. P. V. C. *et al.* Scientific production on martial arts and combat sports content in school physical education: a review study. **Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology**, v. 22, n. 3, p. 33-43, 2022. DOI: 10.14589/ido.22.3.6.

RUFINO, L. G. B. L. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. B. (org.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá, PR: Eduem, 2014. v. 4.

RUFINO, L. G. B. **Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i4.26441>. Acesso em: 31 out. 2022.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

UENO, V. L. F.; SOUSA, M. F. Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual de Goiânia. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/29540>. Acesso em: 31 out. 2022.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o parecer número 4.354.756.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Daniel Giordani Vasques contribuiu com a redação – rascunho original, revisão e edição, conceituação, investigação, metodologia e análise dos dados. Flávio Py Mariante Neto contribuiu com a redação – revisão e edição, conceituação, investigação e metodologia. Maitê Venuto de Freitas contribuiu com a conceituação, investigação e metodologia.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

